

Choveu na Madrugada. O caminho marcado pelos antigos trilhos, parcialmente cobertos por mato e pouca sujeira, apresenta poças d'água que tentam refletir cores. Refletem, na realidade, o ainda cinzento claro-escuro do céu argentino.

O colorido dos tapumes de ferro à esquerda, alegremente pintados e esmaecidos, tentam inutilmente reavivar a abandonada via férrea, "el caminito". A solidão é a marca daquele momento perto das 11 horas da manhã. Esfriou um pouco.

As lindas e antigas arandelas octavadas instaladas pela "Ferrocarril Argentina" estão firmes, fixas e ao escurecer ainda jogam sua iluminação mortícia na noite. Por quanto tempo resistirão e iluminarão?

O formato original dos postes tenta alegrar os poucos transeuntes que se dão ao trabalho de observar detalhes da fundição. São bonitos.

Do outro lado da via, o gradil aramado limitando a via férrea, esticado e preso em pequenos pontaletes de ferro fundido transmite delicadeza àquele caminho.

Copas das árvores se abraçam em determinados trechos e transmitem a sensação de um túnel. Não apenas um túnel verde, mas colorido. Alí tudo é formado por cores. Pequenos canteiros com gramíneas pontilham aleatoriamente o espaço solitário, desprovido de flores e outras plantas. Houveram elas outrora?

Segue assim o trecho da via férrea do "Caminito"; o pequeno caminho encravado no bairro de La Boca, pobre bairro de Buenos Aires, que mescla suas vendas de artesanato com gastronomia, arte, lojas com muitos "recuerdos" ávidas pelos dólares e euros dos turistas alegres e encantados com aquele espaço único (talvez o mais famoso da cidade), polvilhado de vidas e histórias (algumas tristes) envolvendo os italianos imigrantes, principalmente eles, que começaram a chegar à Buenos Aires por volta do ano 1870.

Dizem os historiadores que o contingente italiano (principalmente de piemonteses, genoveses e calabreses) atingiu cerca de 2,9 milhões de pessoas; praticamente o dobro do número de imigrantes italianos que desembarcaram no Brasil e se fixaram no Estado de São Paulo.

Abro aqui um parênteses para escrever que o vasto, delicado e alegre assunto imigração sempre acompanhou minha vida:

- meus avós italianos chegaram a São Paulo em 27 de setembro de 1894, a bordo do navio S.Paulo, vindos da região de Salerno, na Itália...

- morei no bairro do Bom Retiro durante 27 anos. Um bairro paulistano caracterizado por reunir imigrantes desde os primórdios da sua urbanização. Italianos, judeus, portugueses, espanhóis, gregos, libaneses, coreanos e bolivianos. Caminhando pelas ruas do bairro, ainda hoje, vamos encontrar seus descendentes.

- sogros italianos, também fizeram parte do meu cotidiano durante 20 anos.

- fui produtor cultural e pesquisador histórico no Museu da Imigração, aqui em São Paulo. Deixei por lá alguns relatos e pesquisas, onde muito aprendi.

Voltemos aos imigrante italianos em Buenos Aires. Chegaram e se instalaram precariamente construindo suas casinhas com as madeiras (muito pinho de Riga!), chapas de ferro corrugadas, chapas de zinco que eram descartadas no porto. Tudo aquilo (e ainda isto), pintados com alegres tintas, também sobras dos navios e das oficinas portuárias, transformavam-se em pequenos quartos chamados de "conventillos" como se fizessem parte, já, dos cortiços da atualidade, não apenas na Argentina, mas no Brasil e também em outros países. Unanimidade.

Há um “charme” deixado naquilo tudo, obscurecido pela vida que descoloriu-se... É um campo de emoções esperando por um decifrador, mais do que apenas um simples turista observador.

Se eu apurar os ouvidos conseguirei escutar música deixada nos ares.

Da mesma forma que o bailarino russo Mikail Barishnikov conseguiu quebrar a tristeza ao dançar o “Bolero de Ravel” eu lembro de músicas brasileiras tristes, tal qual “Chão de Estrelas”, de Orestes Barbosa no tocante ao seu apoteótico final:”... e ela pisava as estrelas...” Fica fácil acrescentar os fados portugueses na interpretação da inigualável cantora Amália Rodrigues, e assim, chegar aos tangos argentinos.

Tristes músicas, sensuais danças. Deles a chegar em “la Boca” é apenas mais “outro passo”.

Por lá no hay solamente el tango y su bandoneón, pero mucha poesia y corazón.

Em vão procurei por livros, tanto lá em “La Boca” como depois no centro de Buenos Aires, que descrevessem detalhadamente (e com fotos) a evolução do “Caminito” ou mesmo do próprio bairro “La Boca”; não obtive sorte... Está aí um assunto sobre o qual gostaria de aprofundar minhas leituras e conhecimentos. Talvez na próxima estada, junto a “Los Hermanos”, eu obtenha sucesso, afinal a riqueza histórica é incontestável. Sou curioso por fatos escondidos por lá!

Analisando a foto anexa que naquele dia e hora eu tirei com fone celular, observo que praticamente não existe céu na imagem. O que se vê não passa de um ameaçador céu cinza chumbo, pesado, carrancudo, resquício de chuva, ao redor de um centro esbranquiçado/branco, evidenciando um profundo contraste “*chiaro/escuro*” da época do Renascimento italiano, de que tanto gosto.

E o que dizer do sinalizador da via férrea, (antiquado e fora de uso para o século XXI) composto de quatro braços onde talvez outrora lia-se: Cuidado, Cruzamento, Via Férrea. Quem cruzava? Para qual local? Em qual direção? Desconheço mapa ou foto mais ampliada, mostrando aquela outra rua que poderia estar com ela cruzando. Certamente existiu.

Não sei o que encontrarei após a curva à direita, ao lado da pequenina casa branca que se avista ao fundo da imagem, feita por mim em fevereiro de 2020.

Nas palavras de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa:

“... Enquanto vou na estrada antes da curva,
Só olho para a estrada antes da curva,
De nada me serviria estar olhando para outro lado...”

Quanto pode a observação de uma foto proporcionar! Até mesmo um poema:

*Não escorrego naquele chão molhado da chuva.
Quero ir, porém algo me prende, puxa e retém.
Obriga-me a olhar, a rememorar...
... Sim, algum dia já morei alí, junto à
Ferrocarril Buenos Aires – Puerto de Ensenada
(desativada por volta de 1928)
Senti o frio daquelas ruas então não tão desertas.
Hoje aquilo tudo me soa poético.
Sou daquele lugar,
um filho que se foi,
que às vezes volta,
para, olha, pensa, e chora...*

O que teria ficado para trás? Talvez um sorriso? Uma lágrima, meu coração, um momento, uma história, uma viagem, uma vida, uma saudade, um pensamento, um alguém, um amor?

Não sei, talvez um tudo...



Nelson Di Francesco - Buenos Aires, 30-01-2021

(Uma das fotos que mais gosto, das milhares que já tirei aí pelo mundo...)